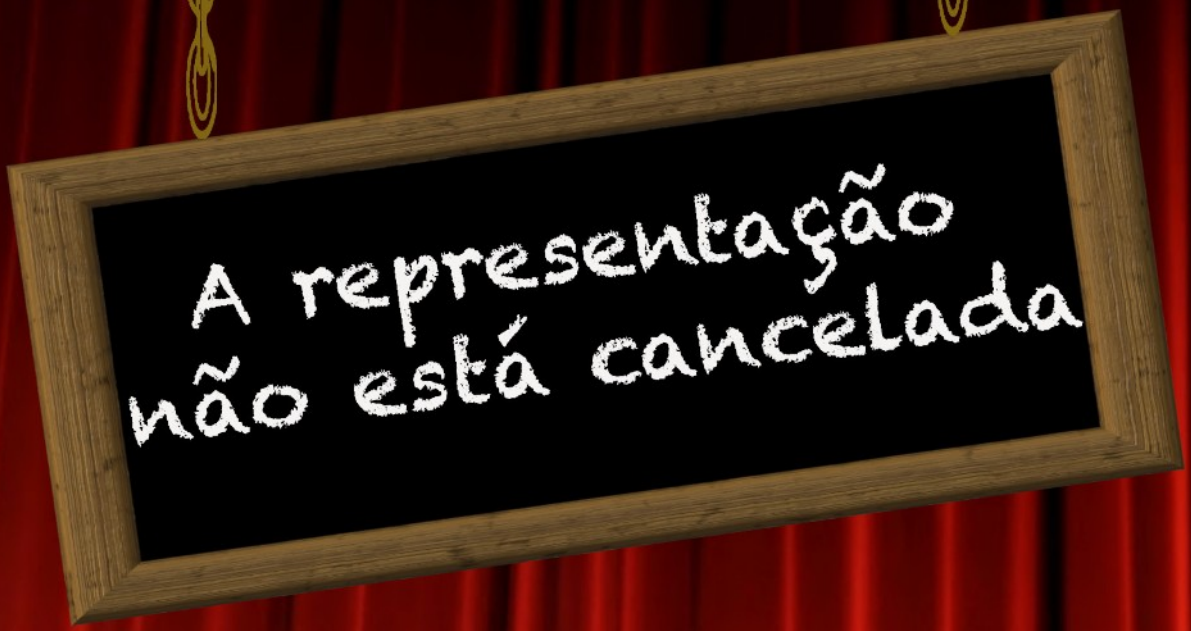
La Comédiathèque



Jean-Pierre Martinez

comediatheque.net

Este texto pode ser lido e descarregado gratuitamente. Qualquer representação pública, profissional ou amadora, mesmo gratuita, requer autorização prévia e o pagamento dos respetivos direitos de autor. Solicitar autorização: https://jeanpierremartinez.net/pt/contato/

A representação não está cancelada

Uma comédia de Jean-Pierre Martinez

Tradução pelo próprio autor

Uma companhia de teatro prepara-se para representar uma peça sobre as últimas horas da vida de Molière. Nada está pronto e os contratempos sucedem-se, até desaparecer a receita da bilheteira... Devem cancelar o espetáculo, precipitando assim a ruína de um teatro à beira da falência, ou representar custe o que custar?

Personagens

O diretor
A diretora
O ator
A atriz
O espectador
A espectadora
O inspetor
A inspetora

À exceção do ator e da atriz, todos os papéis podem ser interpretados indiferentemente por homens ou mulheres.

Distribuições possíveis: 1H/7M, 2H/6M, 3H/5M, 4H/4M, 5H/3M, 6H/2M, 7H/1M

© La Comédiathèque

O palco está vazio, à exceção do cadeirão de Molière, único elemento do cenário. Um espectador e uma espectadora, que são na verdade atores, começam a instalar-se algures na plateia. Enquanto o público entra, a diretora do teatro, que também assume a encenação, já se encontra em palco, de fato-macaco, a acertar as luzes com o técnico da cabina de controlo, que não será visto e permanecerá quase sempre calado. Empoleirada num escadote ao fundo do palco, de costas para a sala e a olhar para o teto, a diretora não repara nos primeiros espectadores. Estes também não dão por ela, ou tomam-na por uma técnica que está a concluir os últimos ajustes.

Diretora *(chamando o técnico)* – Alex? Ó Alex! Há aqui uma lâmpada fundida. Podias ter verificado... Não posso fazer tudo sozinha. Paciência, ficamos sem ela. Já não há tempo para a trocar. Aliás, acho que também já não temos lâmpadas de substituição. É a crise, meu caro... Não havia um cêntimo na caixa para comprar outras. Um dia destes acabamos a iluminar-nos com velas, como no tempo de Molière. *(Repara finalmente no público)* Mas o que é isto? Já estão aqui...? Porque é que os deixaram entrar? Ainda não são horas, pois não? Enfim... Agora que já cá estão, não vos vamos mandar sair. Mas nós temos de acabar o nosso trabalho. Portanto, minhas senhoras e meus senhores, pedimos só mais um instante...

Continua a examinar os projetores e desloca o escadote para ajustar outro foco. Trabalha algum tempo em silêncio. Quando o público já está sentado, desce do escadote, observa o palco e desloca ligeiramente o cadeirão para o centro.

Diretora – Ilumina o cadeirão de Molière, só para ver. *(O técnico ilumina o cadeirão e ela senta-se)* Parece-me bem, não? *(Levanta-se e aproxima-se da boca de cena)* Agora apaga as luzes da sala, para vermos o efeito... *(A sala fica às escuras)* Sim... *(Continua hesitante)* Podes dar-me um pouco mais de luz aqui à frente, do lado esquerdo de quem está em palco? É aqui que o fantasma de Molière vai fazer o monólogo final. Sabes... mesmo antes de atirar um balde de água aos espectadores da primeira fila... *(Para os espectadores da primeira fila, provavelmente inquietos)* Não se assustem, isto é teatro. Não vai ser água que molhe. Vamos substituir a água por... Na verdade, nem sei bem pelo quê... *(Ao técnico)* Alex, com que é que podemos substituir a água para não molhar? Tens alguma ideia? *(O técnico não responde)* Bem, pelo menos a água não deixa nódoas. *(Ao técnico)* Alex, estás a dormir? Então e esse chuveiro de luz à frente do palco? *(Ao público)* Não se preocupem, também não é um chuveiro a sério. É como chamamos, no teatro, a um foco que ilumina o ator na vertical, mesmo por cima da cabeça. Infelizmente, é muitas vezes o único duche que os atores tomam... Pois, também temos a nossa linguagem profissional! *(O técnico acende o foco vertical à frente, à esquerda de quem está em palco, iluminando a diretora)* Espera, parece-me que este chuveiro está um pouco inclinado, não? Apaga, vou ajustá-lo. Juro que nesta casa uma pessoa tem de fazer tudo! Já sou diretora e encenadora. Também tenho de ser eletricista e técnica de iluminação...

O técnico apaga o projetor enquanto a diretora coloca o escadote à frente do palco e sobe. Entra o diretor do teatro, que se supõe ser também companheiro e marido da diretora. Veste-se com uma elegância algo antiquada e traz na mão uma caixa metálica fechada à chave, que contém a receita da bilheteira.

Diretor – Ah, estás aqui? Andava à tua procura por todo o lado.

Diretora – Claro que estou aqui. Onde querias que estivesse? Estou a trabalhar... O espetáculo está quase a começar e nada funciona... Não me digas que a representação foi outra vez cancelada?

Diretor – Não, não, descansa. A representação não está cancelada. Pelo menos, por enquanto...

Diretora – Espero bem que não... Já cancelámos três vezes esta semana. O público vai acabar por perder a paciência... E já quase ninguém vem ao teatro.

Diretor – Pois... Que queres que te diga? Com estes protocolos sanitários que mudam constantemente, hoje em dia já é preciso fazer um exame médico completo antes de ir ao teatro.

Diretora – Se nos tivessem dito que um dia haveria seguranças à porta dos teatros, como nas discotecas... Mas já agora, porque é que os espectadores estão cá dentro tão cedo?

Diretor – É verdade, chegam cada vez mais cedo, reparaste? E no entanto sabem perfeitamente que um espetáculo nunca começa a horas.

Diretora – Deviam ter esperado um pouco antes de os deixar entrar. Ainda não estamos prontos...

Diretor – Com todos os cancelamentos que temos tido... mais vale deixá-los entrar logo. Se tivermos de cancelar outra vez à última hora, ao menos já pagaram.

Diretora – E havemos de encontrar sempre uma boa razão para não lhes devolver o dinheiro.

Diretor – Enfim... acabem os vossos ajustes com calma e façam de conta que eles não estão aqui.

Diretora – Está bem... *(Ao público)* E os senhores façam de conta que nós também não estamos aqui.

Diretor *(ao público)* – Não se preocupem. Havemos de avisar quando a peça começar a sério...

Diretora – E quando acabar, o balde de água há de acordar os que adormecerem durante a representação.

Diretor – O balde de água?

Diretora – Depois explico-te... É uma peça um bocadinho vanguardista, vais ver.

Diretor – Pensei que fosse uma peça sobre Molière.

Diretora – No seu tempo, Molière também era vanguardista!

Diretor – Em todo o caso, há bastante gente, não há?

Diretora – Sim... Parece que vamos ter uma bela receita...

Diretor *(mostrando a caixa)* – Está aqui, dentro da caixa. *(Ao público)* Muito obrigado a todos pela vossa generosidade.

Diretora – Quanto é?

Diretor – Ainda não contei, mas a caixa está cheia.

Diretora – Então finalmente vamos conseguir pagar aos atores.

Diretor – Sim, se sobrar alguma coisa depois de pagar a toda a gente.

Diretora – Toda a gente?

Diretor – O segurança, a bilheteira, os técnicos, o responsável pela cabina técnica...

Diretora – Espera lá, o responsável pela cabina técnica recebe?

Diretor – É um técnico, não é um artista. Não faz isto por prazer...

Diretora – Nesse caso, eu também quero receber. Como técnica, pelo menos. Lembro-te que sou a encenadora. Não devia ser eu a andar em cima de um escadote.

Diretor – Não te preocupes. Tenho a sensação de que as coisas vão melhorar. O público vai voltar ao teatro, vais ver.

Diretora – Já era tempo! Estamos à beira da falência... Nem sequer temos dinheiro para substituir as lâmpadas dos projetores.

Diretor – Com o dinheiro que está na caixa, poderemos comprar umas lâmpadas, descansa. Talvez até sobre alguma coisa para pagar aos atores.

Diretora – Entretanto, faz alguma coisa de útil. Podes passar-me a chave de fendas que está no cadeirão?

Diretor – Claro... É sempre um prazer ajudar. *(Pousa a caixa no cadeirão, pega na chave de fendas e entrega-lha)* Mas não são projetores a mais? Precisam mesmo de todos? Nem quero imaginar a conta da eletricidade...

Diretora – Se preferes, podemos representar às escuras. Fica mais barato... e ainda mais vanguardista.

Diretor – Bem, se é mesmo necessário...

Diretora – Já reduzimos o cenário ao mínimo para poupar dinheiro. A ação devia passar-se no Palácio de Versalhes, mas agora vai passar-se no camarim de Molière. Só mantivemos um cadeirão!

Diretor – Quando os atores são bons, uma pessoa esquece-se do cenário, não é?

Diretora – Já que falas nos atores... Inicialmente, a peça estava escrita para dezassete atores e agora temos de a representar com apenas três. Até eu vou ter de fazer três ou quatro papéis, e nem sequer sou atriz.

Diretor – Se queremos levar a peça a um festival de teatro, não podemos ir com dezassete pessoas! Precisávamos de um autocarro... Temos de ser razoáveis.

Diretora – Tens razão... Se ainda trabalhar um pouco mais o texto, talvez consiga transformá-lo num monólogo.

Diretor – Mas afinal, de que trata esta peça? Não percebi bem.

Diretora – A representação está cancelada.

Diretor – A representação está cancelada? Tens a certeza? Mas porquê?

Diretora – «A Representação Está Cancelada» é o título da peça.

Diretor – Ah, está bem... Que título mais idiota.

Diretora – É verdade que dá azo a confusões. Mas está muito de acordo com os tempos que correm, não achas?

Diretor – Enfim, pelo menos o público apareceu. É o que importa.

Diretora – Sim... Tem de estar muito motivado...

Diretor – Mas parece um pouco apreensivo, não?

Diretora – Talvez tenha razões para desconfiar.

Diretor – Quem compra voluntariamente um bilhete para uma peça intitulada «A Representação Está Cancelada» não pode pedir reembolso se a peça estiver mesmo cancelada.

Diretora – Exatamente.

Diretor – E de que trata, afinal, essa obra-prima?

Diretora – Das últimas horas da vida de Molière, pouco antes da morte dele. A companhia prepara-se para entrar em cena, mas Molière sente-se mal. Hesita. Deve representar apesar de tudo ou cancelar o espetáculo?

Diretor – E então?

Diretora – E então... estão à beira da falência, como nós. Têm de representar custe o que custar, para não devolver o dinheiro ao público.

Diretor – Portanto, é uma peça sobre o teatro.

Diretora – Exatamente. Sobre a grandeza e as misérias da vida dos comediantes.

Diretor – Bom, está na hora de começar.

Diretora – Pois está. Porque uma peça intitulada «A Representação Está Cancelada»... não pode ser cancelada.

Diretor – Pois... Que diríamos ao público?

Diretora – Ninguém acreditava. Pensariam que fazia parte da peça...

Diretor – Vá, muita merda!

Diretora – Pois, e vai tu à merda!

Diretor – Agarra-te bem à chave de fendas. Vou tirar o escadote.

Diretora – Muito engraçadinho.

Diretor – Também devia ter feito carreira na comédia...

O diretor sai, esquecendo-se da caixa em cima do cadeirão. A diretora desce do escadote.

Diretora – Alex? Volta a acender o chuveiro de luz, para ver... *(O técnico acende o foco vertical à frente do palco)* Pronto, assim serve. Também não estamos num grande teatro nacional...

O ator e a atriz entram em palco de fato de treino. O ator traz na mão o texto da peça intitulada «A Representação Está Cancelada».

Ator – Onde está o patrão? Andamos à procura dele.

Diretora – Acabou de sair. Mas que raio estão ainda a fazer com essa roupa? A peça passa-se no século XVII. Vocês fazem de Jean-Baptiste Poquelin e Armande Béjart. Ainda não estão vestidos para entrar em cena?

Atriz – Viemos entregar um pré-aviso de greve.

Diretora – Greve? Estão a brincar... Nunca se viu um ator fazer greve!

Ator – Há um mês que não recebemos os cachets. Se é uma brincadeira, já não lhe achamos graça.

Diretora – Que querem que vos diga? Todos os espetáculos foram cancelados! Sem espetáculo, não há receita. E sem receita, não há cachets...

Atriz – Ainda vão acabar por dizer que a culpa é nossa.

Ator – E sabes o que teve o descaramento de nos dizer o diretor?

Diretora – O quê?

Ator – Que num trabalho como o nosso, nestes tempos, já devíamos ficar contentes por podermos trabalhar!

Diretora – Eu sei... Para ele, o teatro é como o amor. Quando fazemos uma coisa por prazer, não devíamos receber dinheiro por isso.

Atriz – Pois desta vez queremos receber adiantado, como as prostitutas. Senão, não representamos.

Diretora – Não se preocupem. Hoje tivemos uma boa receita. Olhem, a sala está cheia.

O ator e a atriz reparam finalmente na presença do público.

Ator – O quê? O público já está cá?

Atriz – E se nós decidirmos não representar?

Diretora – Agora que já estão cá...

Ator – Foi para nos pressionarem que deixaram entrar o público mais cedo, não foi?

Diretora – Eu digo-vos que vão receber.

Atriz – Representar de graça? Era só o que faltava!

Ator – Acham que somos amadores?

Atriz – Se fosse para representar uma obra-prima, uma peça de sucesso que relançasse a nossa carreira... Mas isto...

Ator – Afinal, quem é que escreveu esta peça?

Diretora – Bolas! Esqueci-me de pôr o nome do autor no cartaz. Espero que não repare. Os autores são tão suscetíveis...

Atriz – Se o convidaste para a estreia, vai adorar ver que nem o nome dele aparece no cartaz. Ainda por cima, se também não lhe pagarem...

Diretora – Raios, também me esqueci de o convidar! De qualquer maneira, já reescrevi tanto a peça que nem sei se ainda podemos dizer que é dele...

O ator dá uma vista de olhos ao texto que traz na mão.

Ator – «A Representação Está Cancelada»... Com tantas versões diferentes que nos deste, já nem sabemos bem qual é a certa.

Atriz – Está tão riscado que mal se consegue ler.

Diretora – Ao menos sabem as vossas falas, não sabem?

Ator – Sim, sim, não te preocupes...

Atriz – A história, pelo menos, conhecemos. Mais ou menos...

Diretora – A história?

Ator – Disseste-nos que podíamos improvisar, não disseste?

Diretora – Eu disse isso?

Atriz – Acho até que alguém falou da Nouvelle Vague, aquele cinema em que se improvisava muito.

Diretora – Quando eu disse que podiam improvisar um pouco, era para acrescentar ao texto, não para o substituir. Nouvelle Vague, que disparate! Lembro-vos que estamos num palco de teatro. Aqui não podemos repetir a cena dez vezes, como no cinema.

Atriz – Não te preocupes, vai correr bem. Somos profissionais, não somos?

Ator – Somos, pois. E é precisamente por isso que fazemos questão de receber.

Diretora – Muito bem, agora suplico-vos que vão vestir-se! Porque, de tanto nos adiantarmos, ainda vamos acabar por chegar atrasados.

Atriz – E se representássemos assim?

Diretora – Assim como?

Ator – Com roupa descontraída... Ficava mais moderno, não?

Diretora – Também não têm os figurinos...

Atriz – Temos, sim! Quer dizer... havemos de os encontrar.

Ator – De certeza...

Atriz *(à diretora)* – Não eras tu que ias buscá-los à lavandaria?

Diretora – À lavandaria? Mas onde pensam que estão? Num teatro subsidiado? Os figurinos estão nos camarins. Acho eu... Agora desapareçam, antes que faça alguma coisa de que me arrependa.

Os dois atores saem.

Diretora – Juro que devia ter escolhido fazer desenhos animados. Ao menos não tinha de aguentar os humores dos atores... *(Volta-se para a cabina técnica)* Alex, podes vir aqui aos bastidores dois minutos? Tenho de falar contigo acerca da banda sonora.

Técnico – Mas temos banda sonora?

Diretora *(sem se perceber se está a brincar)* – Não, precisamente. Vais ter de fazer os efeitos sonoros a partir da cabina técnica. Depois explico-te...

Dobra o escadote, pega nele e sai. Silêncio.

Voz off – *Enquanto aguardam pelo início do vosso espetáculo «A Representação Está Cancelada», alguns minutos de publicidade.*

Os anúncios seguintes imitam o estilo antiquado e o tom excessivo da publicidade dos anos 1950.

Voz off – *Gosta de cavalos mas não sabe onde dar largas à sua paixão? Procure quem entende do assunto! Talho Galope, o seu especialista em carne de cavalo há mais de um século, de pai para filho. No Talho Galope, tratamos da qualidade com rédea curta! Não tem tempo para fazer compras? Prefere guardar o anonimato? Também entregamos ao domicílio, com toda a discrição... e a galope! Se não vai ao Galope, o Galope vai até si!*

Música de transição.

Voz off – *Uma torneira a pingar? Uma fuga por baixo do lavatório? Um cano entupido? Ou simplesmente vontade de conhecer alguém? Ligue já para Canalizações & Companhia. Os nossos especialistas estão atentos a todas as suas necessidades... e aos seus desejos. Canalizações & Companhia: a ligação certa para todos os seus problemas de canalização. Profissionais que sabem ouvi-lo, compreendê-lo e satisfazê-lo. Uma empresa certificada para instalações de gás e orgulhosamente gay friendly.*

Ao som da música de fecho do segundo anúncio, enquanto o palco fica na penumbra, entra uma figura coberta por um lençol branco, como um fantasma. Olha para ambos os lados, pega na caixa esquecida no cadeirão e sai.

Volta a haver luz no palco e entra a diretora, já sem o fato-macaco, agora vestida à civil.

Diretora – Obrigada a todos pela paciência... Como todos os presentes têm o registo criminal limpo e as vacinas em dia, podemos finalmente começar. Antes disso, permitam-me agradecer aos nossos generosos patrocinadores, assim como ao presidente da câmara desta simpática localidade que, apesar de estar atualmente preso por desvio de fundos públicos, obteve uma licença de saída para nos honrar com a sua presença esta noite... Para sossego de todos, peço-vos que desliguem os telemóveis e que, durante a representação, evitem beijar-se, tossir, assoar-se, cuspir ou... *(Interrompe-se ao ver o diretor entrar)* Senhor Diretor, queria acrescentar alguma coisa?

Diretor *(à parte)* – Não viste a caixa?

Diretora – O quê?

Diretor – A minha caixa do dinheiro! Deixei-a ali no cadeirão. Não foste tu que a levaste?

Diretora – Ah, está bem! Agora sou uma ladra...

O diretor percorre o palco em pânico, declamando as primeiras frases do célebre monólogo de O Avarento, de Molière.

Diretor – Ladrão! Ladrão! Assassino! Homicida! Justiça, justos céus! Estou perdido, estou morto, assassinaram-me! *(Voltando-se para a diretora)* Cortaram-me a garganta! Roubaram-me o meu dinheiro!

Diretora – Acalma-te! Não fui eu, já te disse! E repara que toda a gente está a olhar para nós...

Diretor – Se não foste tu, quem foi?

Diretora – Dizes que a deixaste aqui no palco?

Diretor – Esqueci-me dela! Pousei-a neste cadeirão quando me pediste a chave de fendas e depois...

Diretora – Eu só saí uns minutos com o técnico antes de...

Diretor – E eu estava a falar com os atores. Quando fui buscar o dinheiro para lhes pagar, apercebi-me de que...

Diretora – Então quem poderá ter roubado a tua caixa?

Os dois lançam um olhar desconfiado ao público.

Diretor – Não estarás a pensar que...?

Diretora – Quem mais poderia ser?

Diretor – Não sei...

Diretora – E agora? Representamos ou não?

Diretor – Não podemos fingir que nada aconteceu e deixá-los sair no fim com a caixa!

Diretora – Embora, no fundo, o dinheiro até seja deles.

Diretor – Então o que fazemos? A representação está cancelada...?

Diretora – De qualquer maneira, os atores recusam-se a atuar se não lhes pagarmos adiantado.

Diretor – E como queres que lhes pague agora? Roubaram-nos a receita! *(Ao público)* E assim também não podemos devolver-vos o dinheiro dos bilhetes.

Diretora – Pois não...

Diretor – Peço-vos, no entanto, que permaneçam sentados nos vossos lugares enquanto esperamos pela polícia...

Diretora – Já chamaste a polícia?

Diretor – Já vem a caminho. Não deve demorar...

Diretora – Ah, sim... Acho que já se ouve a sirene...

O técnico pode fazer ouvir da cabina técnica uma imitação bastante rudimentar da sirene de um carro da polícia.

Diretor – Um assalto... Num teatro, imagina!

Diretora – «Assalto» talvez seja um bocadinho exagerado...

Diretor – Vai dar ao mesmo, não vai? Roubaram-nos a caixa!

Diretora – Este foi mesmo o golpe de misericórdia.

Diretor – Pois... Desta vez estamos falidos.

Diretora – O teatro sempre foi um negócio arriscado. O modelo económico do teatro é a falência. Desde que nasceu, o teatro não para de morrer.

Diretor – Talvez o teatro em geral, mas o nosso, em particular, chegou mesmo ao fim. Se não encontrarmos aquele dinheiro, fechamos as portas.

Diretora – Como é que chegámos a este ponto?

Diretor – Se tivéssemos apresentado peças mais... populares, para o grande público. As pessoas vão ao teatro para ver boas comédias.

Diretora – Se soubéssemos a receita para fazer uma boa comédia, só representaríamos comédias. *(Voltando-se para o cadeirão)* Devíamos pedir a receita ao senhor Molière...

Diretor – A receita? Pois a receita de hoje roubaram-na! Acho que não temos alternativa: vamos ter de vender o teatro. *(Pega no telemóvel)* Vou pôr um anúncio num site de classificados...

Diretora – Talvez haja um comprador na sala... Podíamos fazer um leilão!

Diretor – Porque não? Começamos nos duzentos mil euros. Quem dá mais? Ninguém? Cem mil, então? Cinquenta mil...?

Diretora – É preciso estar maluco para querer comprar um teatro agora. A menos que tenha passado os últimos dez anos em coma...

Entram em palco o inspetor e a inspetora, vindos dos bastidores ou da plateia. Ele parece saído da série policial Columbo e ela poderia ser a sua versão feminina. O inspetor observa o palco enquanto a inspetora fareja o ar como um cão-polícia.

Inspetor *(mostrando a identificação)* – Inspetor Columbo. E esta é a minha assistente, Martínez...

Inspetora – Ramírez.

Inspetor – Perdão?

Inspetora – Ramírez. Chamo-me Ramírez, não Martínez.

Inspetor – Martínez, Ramírez... É quase a mesma coisa, não é?

Inspetora – Acontece que me chamo Ramírez. Trabalhamos juntos há três anos. Já era altura de se lembrar, não acha?

Inspetor *(ao diretor)* – Estes portugueses são tão suscetíveis...

Inspetora – Espanhola!

Inspetor – Outra vez? O que é que eu disse agora?

Inspetora – Sou de origem espanhola, não portuguesa.

Inspetor – Está bem, Martínez. Não vamos passar aqui o dia. Temos um caso para investigar!

Diretor – Seja como for, muito obrigado por terem vindo tão depressa.

Inspetora – Ramírez... Também não é um nome assim tão difícil.

O inspetor olha para o palco e para os projetores, que o encandeiam, enquanto a inspetora fareja o diretor e a diretora.

Inspetor – O que é isto? Um espetáculo de striptease?

Diretora – É um teatro, inspetor... É parecido, só que as atrizes costumam estar vestidas. Em princípio...

Inspetora – Portanto, se percebi bem, roubaram-vos... a caixa.

Diretor – Sim, inspetor.

Inspetor – Isto não será uma brincadeira, pois não? Temos mais que fazer do que andar a fazer figuras de palhaços...

Diretor – Não é brincadeira nenhuma. É uma verdadeira tragédia.

Inspetora – Quando dizem «caixa», querem dizer exatamente o quê?

Diretor – O dinheiro da bilheteira.

Inspetor – Ah, certo... Roubaram-vos a receita, portanto. A receita do teatro...

Diretora – Se não a recuperarmos é uma catástrofe. Já estamos a pensar cancelar a representação...

Inspetora – E onde estava a caixa?

Diretor – Ali, em cima do cadeirão de Molière.

Inspetor – Deixam o dinheiro em cima de um cadeirão, à vista de toda a gente, e ainda se admiram que o roubem?

Diretor – Pensava que estávamos entre pessoas de confiança.

Diretora – Sabe, o teatro é uma grande família.

Inspetora – Há testemunhas?

Diretor – Testemunhas? Sim, até há bastantes...

Inspetor – E onde estão essas testemunhas?

Diretora – Mesmo à vossa frente.

O inspetor e a inspetora apercebem-se da presença do público.

Inspetora – Nem tinha reparado neles... Que estão aqui a fazer?

Diretora – São o público! Já vos disse que isto é um teatro.

Inspetor – Quem diria que um dia ia acabar num palco de teatro, diante de uma plateia? Não é verdade, Martínez?

Diretor – Nunca é tarde para começar uma carreira de ator, inspetor Colombino.

Inspetor – Columbo. Inspetor Columbo.

Inspetora *(com ironia)* – Columbo, Colombino... É quase a mesma coisa, não é?

Inspetor – Portanto... o roubo aconteceu diante de todos eles.

A inspetora desce à plateia, fareja o ar e cheira discretamente alguns espectadores.

Diretora – Sim.

Inspetora – E, evidentemente, ninguém viu nada...

Diretor – Isso... terão de lhes perguntar.

Inspetor – E o técnico da cabina de controlo, ali ao fundo? Também não viu nada?

Diretora – Estava comigo nos bastidores pouco antes do início da peça.

Silêncio. O inspetor percorre o palco com ar desconfiado e espreita os bastidores. Entretanto, a inspetora percorre a plateia a observar os espectadores, até chegar à cabina técnica. No regresso, detém-se diante do falso espectador e fareja-o.

Inspetora – Tem o seu boletim de vacinas?

Espectador – Claro que sim...

O espectador mostra-lhe um documento. A inspetora parece satisfeita e regressa ao palco.

Inspetor – E se isto fosse antes uma burla?

Diretor – Uma burla?

Inspetor – Conhecemos bem o truque. Esconde-se o dinheiro, declara-se que foi roubado e depois pede-se a indemnização à seguradora.

Diretora – Asseguro-lhe, inspetor, que...

Inspetora – Então, vejamos. Quem são os suspeitos? *(Ao diretor)* O senhor...

Diretor – Mas eu sou a vítima! Sou inocente!

Inspetor – Todo o inocente é um culpado que ainda não sabe que o é. Quem mais estava no teatro na altura do roubo?

Diretor – Os atores da peça, evidentemente.

Inspetora – E onde estão?

Diretora – Devem estar nos camarins, à espera de saber se a representação foi cancelada ou não.

Inspetor – Então de que estão à espera? Vão buscá-los!

Diretora – Vou já.

A diretora sai.

Inspetora – Há alguma razão para suspeitarem de alguém em particular?

Diretor – Não... É a primeira vez que uma coisa destas acontece neste respeitável estabelecimento, garanto-lhe.

Inspetor – De facto, não somos chamados muitas vezes por causa de um roubo num teatro. Não é verdade, Martínez?

Diretor – A bem dizer, quase nunca há muito para roubar. À exceção da receita... que costuma ser tão pequena que nem interessa aos ladrões.

Inspetora – E os vossos atores? Acha que algum deles poderia ter cometido o roubo?

Diretor – Não sei... Já não recebem há semanas e começam a passar fome. Como sabe, estamos todos a atravessar uma época difícil...

O inspetor observa a plateia.

Inspetor – E aqueles... Estão bem alimentados, mas todos parecem ter qualquer coisa a esconder...

Diretor – Sabe, hoje em dia tão pouca gente vem ao teatro que não podemos dar-nos ao luxo de selecionar a clientela. Temos de deixar entrar toda a gente. Desde que esteja vacinada, claro.

Inspetora – Depois interrogamo-los.

A diretora regressa com a atriz.

Diretora – Aqui está a atriz que devia interpretar Armande.

Inspetor – Armande?

Diretora – Armande Béjart, a mulher de Molière.

Inspetora *(indicando-lhe o cadeirão)* – Sente-se aqui, Armande. *(A atriz senta-se)* Muito bem. Apelido, nome, idade e profissão...

Atriz – Béjart, Armande. Esposa de Poquelin, atriz, nascida numa data e num lugar incertos e, por conseguinte, de idade igualmente incerta.

Inspetor – Bela apresentação... Então, senhora Béjart...

Atriz – Menina.

Inspetora – Acabou de dizer que era casada.

Atriz – Fique a saber que uma atriz nunca revela a idade e é sempre tratada por «menina», mesmo quando é casada.

Inspetor – Muito bem... O que sabe deste roubo, menina?

Atriz – Nada.

Inspetora – Curioso. O contrário é que me teria surpreendido.

Diretora – Se ela diz que não sabe nada... Nem sequer sabe as falas da peça! Se calhar até lhe convém que o espetáculo seja cancelado...

Atriz – O que estás a insinuar?

Diretora – Não terás sido tu a roubar a caixa, só para não teres de decorar as falas?

Atriz – Eu, pelo menos, não preciso de ir para a cama com o diretor para conseguir um papel.

Diretora – Repete lá isso, se és capaz!

As duas estão prestes a agredir-se. O diretor intervém.

Diretor – Minhas senhoras, por favor, um bocadinho de educação... *(Aos polícias)* Já vos disse que o teatro é uma grande família. E, como em todas as famílias, às vezes discutimos um pouco...

Inspetor – E onde está o resto da família? Presumo que isto não seja um monólogo...

Diretora – Não, há mais um ator.

Inspetora – Então porque não está aqui?

Diretora – É verdade, não estava no camarim. Onde se terá metido?

Atriz – Não sei.

Inspetor – A cortina está quase a subir e não sabe onde está o seu colega de cena?

Atriz – Não sou mãe dele! E, já agora, porque o procuram? Querem oferecer-lhe um papel?

Inspetora – Porque não o de culpado? Se desapareceu, talvez tenha fugido com o dinheiro.

Inspetor – Vamos emitir um aviso de procura. *(À diretora)* Tem uma descrição dele?

Diretora – Tenho melhor, inspetor. Tenho o portefólio dele...

A diretora vai por instantes aos bastidores.

Inspetor – O portefólio?

Diretor – O portefólio fotográfico do ator. É muito mais fiel do que um retrato-robô, verá.

A diretora regressa com o portefólio e entrega-o ao inspetor.

Diretora – Aqui está, inspetor.

Inspetor – Muito bem. Por agora é tudo. Deixamos-vos lavar a roupa suja em família.

Inspetora – Vamos inspecionar as instalações. Mas, até nova ordem, ninguém sai daqui.

O inspetor e a inspetora saem.

Atriz – Também posso ir, ou ainda querem fazer-me perguntas?

Diretor – Podes ir. Mas ouviste o inspetor: ninguém sai do teatro enquanto não encontrarmos o culpado.

A atriz sai.

Diretora *(ao público)* – Pedimos desculpa por estes pequenos imprevistos. Com um pouco de sorte, tudo se resolve rapidamente e o espetáculo recomeça em breve.

Diretor – Esperemos que num ambiente mais agradável...

Diretora – Entretanto, temos de encontrar maneira de entreter o público...

Um espectador, que é na verdade um ator, pede a palavra na plateia.

Espectador – Desculpem...

O diretor e a diretora voltam-se para ele, surpreendidos.

Diretor – Sim...?

Espectador – Dão-me licença?

Levanta-se e sobe ao palco sem esperar autorização.

Diretor – Faça favor...

Espectador – Peço desculpa por interromper a vossa conversa e subir ao palco sem ser convidado, mas talvez possa dar uma pequena ajuda, à minha maneira...

Diretora – Estamos a ouvir.

Espectador – Sempre fui um grande amigo do teatro. Até faço umas coisas como amador, sem pretensões, naturalmente...

Diretor – Muito bem... Mas, como já deve ter percebido, não estamos propriamente em condições de lhe oferecer um papel.

Espectador – Claro, nem me atreveria a pedi-lo. Vocês são profissionais e eu sou apenas um ator de fim de semana, como se costuma dizer.

Diretora – Então, se me permite, de que forma nos poderia ajudar?

Espectador – Bem... financeiramente, talvez.

Os outros dois ficam momentaneamente sem palavras.

Diretor – Ora, ora...

Espectador – Parece-me que atravessam alguns problemas temporários de tesouraria.

Diretora – Pode dizer-se que este teatro vive em insolvência permanente desde a fundação.

Espectador – Acontece que, sem ser milionário, tenho algumas poupanças que não sei onde investir. Com a inflação a subir, não convém deixar o dinheiro parado no banco. E quanto às contas-poupança, com o pouco que rendem, mais vale guardar uns lingotes de ouro debaixo do colchão.

Diretora – O que deve ser bastante desconfortável, diga-se...

Diretor – Então pensou que, para rentabilizar as poupanças e diversificar os investimentos, o teatro poderia ser uma opção interessante.

Diretora – Sem dúvida uma opção bastante extravagante.

Espectador – Nem estou propriamente a pensar ganhar dinheiro. Mas, já que posso, mais vale apoiar os artistas. E vocês parecem-me tão simpáticos que pensei... Mas peço desculpa, nem sei o que me passou pela cabeça. Não sou do meio... Desculpem incomodar-vos.

Perante a perplexidade dos outros dois, prepara-se para regressar ao lugar, mas o diretor detém-no.

Diretor – Não, de maneira nenhuma! Por favor, fique connosco...

Diretora – Faça favor de se sentar aqui.

O espectador senta-se no cadeirão, visivelmente satisfeito.

Espectador – Este é o cadeirão de Molière, não é?

Diretor – Bem... Na peça, pelo menos, suponho.

Diretora – O antiquário que mo vendeu garantiu-me que era do século XVII. Portanto, nada nos impede de imaginar que Molière tenha pousado aqui o seu ilustre traseiro.

Diretor – Portanto, estaria a pensar em... emprestar-nos dinheiro.

Diretora – Ou talvez fazer um donativo, quem sabe...

Espectador – Pensava mais em comprar o edifício para depois o arrendar.

Diretor – Ora, ora...

Diretora – Pode ser mais claro? Não tenho a certeza de estar a perceber...

Espectador – Vocês precisam de dinheiro, eu tenho dinheiro. Compro-vos o edifício e podem continuar a exercer a vossa nobre atividade, pagando uma renda insignificante.

Diretor – Uma renda ridícula para uma atividade igualmente ridícula... Parece-me bastante adequado.

Espectador – Naturalmente, não tenho muito para vos oferecer. Mas, se percebi bem, também não têm muitas alternativas.

Diretora – Que delicadeza a sua, recordar-nos isso...

Diretor – E quando diz «não muito»... De que quantia estaríamos a falar?

Espectador – Nem me atrevo a dizê-la em voz alta. Prefiro escrevê-la...

O espectador tira um cartão de visita e um lápis, escreve um número e entrega o cartão ao diretor, que examina a quantia.

Diretor – Ah... Agora percebo porque falou numa renda insignificante, tendo em conta o preço que oferece pelo edifício.

Passa o cartão de visita à diretora.

Diretora – Tem a certeza de que não se esqueceu de um zero?

Espectador – O valor de um imóvel calcula-se pelo rendimento que se espera dele. E um teatro quase não dá rendimento nenhum. Quando não dá prejuízo...

Diretora – Visto dessa maneira...

Espectador – Mas não se trata de fazer um bom negócio. Trata-se de salvar o espetáculo ao vivo, que nunca esteve em tão má situação. Considere-o um gesto de mecenato.

Diretor – Apanha-me um pouco de surpresa, mas prometo pensar no assunto e dar-lhe uma resposta rapidamente.

Espectador – Tem o meu número no cartão.

A diretora devolve o cartão de visita ao diretor.

Diretor – Francisco Pombo, filantropo...

Diretora – Não sabia que «filantropo» era uma profissão...

Espectador – É mais uma vocação. Quase um sacerdócio.

O espectador levanta-se para sair do palco.

Diretora – Muito obrigada pela generosidade, senhor Pombo... Molière tinha o rei Luís XIV como protetor. Com protetores como o senhor, o teatro contemporâneo ainda tem futuro.

Espectador – Posso espreitar os bastidores? Sou curioso, sabe... E se vou investir dinheiro neste negócio, gostava de conhecer as instalações.

Diretor – Claro, faça de conta que está em casa. Quem compra um restaurante tem o direito de espreitar a cozinha.

O espectador desaparece nos bastidores.

Diretor – Não é uma proposta extraordinária, mas podia salvar-nos, não achas?

Diretora – Salvar-nos? Vendendo o nosso teatro a um desconhecido?

Diretor – Ouviste-o. Quer sobretudo ajudar-nos.

Diretora – É precisamente por isso que desconfio. Para mim, todos os filantropos são suspeitos em potência.

Diretor – Mas temos alguma alternativa?

Diretora – Nunca se sabe. Talvez ainda encontremos o dinheiro...

O inspetor e a inspetora regressam com o ator algemado.

Inspetora – Seja como for, já encontrámos o ladrão.

Inspetor – Estava no café da esquina, completamente bêbado.

Ator – Bêbado? Mas que disparate!

Inspetora – Falas quando te interrogarmos. Entretanto, senta-te aí.

Obrigam o ator a sentar-se no cadeirão.

Diretor – Confessou?

Inspetor – Ainda não. Mas vai confessar, não se preocupe. As confissões espontâneas são a nossa especialidade.

Diretora – Por enquanto nem sabemos se foi ele...

Inspetora – Com aquela cara de culpado, seria uma pena se não fosse, não concordam?

Diretor – Deixem-no ao menos explicar-se.

Inspetor – Muito bem. Apelido, nome, idade e profissão...

Ator – Poquelin, Jean-Baptiste. Data de nascimento desconhecida, mas batizado em Paris a 15 de janeiro de 1622. Ator e dramaturgo. Casado com a menina Armande Béjart, também atriz.

Inspetora – Então, Jean-Baptiste, foste tu que roubaste a caixa, sim ou não?

Ator – Não tenho nada que ver com isso. E quero falar com o meu advogado.

Inspetor – O advogado? Ouviu isto, Martínez? Este tipo vê televisão a mais. E porque não pede também para falar com o agente artístico?

A atriz regressa.

Atriz – Mas o que se passa aqui? Não têm esse direito! Que lhe fizeram?

Inspetor – É o nosso principal suspeito.

Atriz – Porquê?

Inspetora – Apanhámo-lo na tabacaria, quando tentava fugir.

Atriz – Fui eu que o mandei comprar cigarros!

Inspetor – Compreendo que queira dar-lhe um álibi. Mas o seu testemunho não é fiável. É a mulher dele.

Atriz – Sou a mulher dele em palco, não na vida real! Acreditam mesmo que eu me chamo Armande Béjart e ele Jean-Baptiste Poquelin?

Inspetora – Ainda está a piorar a situação! Usurpação de identidade... Sabe a pena que isso pode dar?

Atriz – Somos atores! Assumir identidades alheias é a nossa profissão.

Inspetor – Revistámo-lo. Não trazia nenhum maço de cigarros.

Ator – Algemaram-me antes de eu conseguir comprá-los!

Inspetora – E também não tinha a famosa caixa.

Ator – Então não têm nenhuma prova contra mim.

Inspetora – Havemos de encontrar testemunhas. *(Ao público)* Foi este homem que viram sair com a caixa?

A falsa espectadora, sentada na plateia, intervém.

Espectadora – É difícil dizer, inspetor... Era um fantasma.

Inspetor *(ao diretor)* – Um fantasma? Quem é aquela maluca?

Diretor – Uma espectadora. Não conhecemos todos os que cá vêm...

Inspetora – Estamos a ouvi-la, minha senhora. O que dizia?

Espectadora – Tinha um lençol a cobrir-lhe a cabeça.

Inspetor – Um lençol?

Espectadora – Sim, parecia um fantasma. Ao princípio pensámos que fazia parte do espetáculo...

Diretora – Na verdade, o fantasma de Molière devia aparecer no fim, antes de...

Inspetor – Muito bem. Vão buscar um lençol.

A diretora sai.

Inspetora – Um fantasma...

Inspetor – Acredita em fantasmas, Martínez?

Inspetora – Não.

Inspetor – Nem eu.

A diretora regressa com vários lençóis e entrega um à inspetora.

Inspetora *(ao ator)* – Levante-se.

O ator levanta-se e ela cobre-lhe a cabeça e o corpo com o lençol.

Inspetor – Avance.

O inspetor conduz o ator à boca de cena.

Inspetora *(ao público)* – Minhas senhoras e meus senhores, foi este o homem que viram roubar a caixa?

Espectadora – Sim, era tal e qual... Mas, como estava coberto por um lençol, como saber se era mesmo ele?

Inspetor – Tem razão. Martínez, vamos fazer uma identificação em linha.

Pegam nos outros dois lençóis e cobrem com eles a atriz e a diretora. Alinham os três fantasmas à frente do palco e fazem-nos trocar várias vezes de lugar.

Diretor – Isto é uma identificação de suspeitos ou o jogo das três cartas?

Inspetor *(ao público)* – E agora? Qual deles foi?

Pequena improvisação, caso o público reaja. Os três fantasmas voltam a trocar de lugar, sempre alinhados.

Inspetor – E agora?

A inspetora consulta o telemóvel.

Inspetora – Acabo de receber a resposta ao pedido de informações sobre os suspeitos.

Inspetor – E então? Que diz?

Inspetora – Bem, senhor Diretor... Não é nada bonito...

O ator, a atriz e a diretora retiram os lençóis.

Diretor – Como disse?

Inspetora – Não nos disse que tinha antecedentes criminais?

Diretor – Foi uma história obscura de proxenetismo que nunca ficou esclarecida. Condenaram-me ao abrigo do benefício da dúvida...

Inspetora – Normalmente, o benefício da dúvida serve para absolver, não para condenar...

Inspetor – Que tem a dizer em sua defesa, senhor Diretor? Ainda há pouco garantiu-me que este era um estabelecimento respeitável.

Diretor – Senhor inspetor, na época de Molière a Igreja considerava os atores uns depravados, pouco acima das prostitutas. Portanto, quase se poderia dizer que qualquer diretor de teatro é um proxeneta em potência.

Inspetora – Se a Igreja desconfiava tanto dos atores, devia haver alguma razão. Não há fumo sem fogo...

Diretora – A verdadeira razão é que o teatro fazia concorrência à Igreja. A Igreja também é um teatro, mas o espetáculo é sempre o mesmo. Os padres viam-nos como rivais que era preciso eliminar.

O inspetor agarra o ator.

Inspetor – Vamos levar este para a esquadra. Talvez fique mais falador se levar umas pancadas na cabeça com as obras completas de Molière.

A atriz interpõe-se, num gesto teatral.

Atriz – Primeiro terão de passar por cima do meu cadáver!

Inspetor – Não prometo nada, Béjart. Entretanto, também vem connosco, por falso testemunho.

O inspetor e a inspetora saem, levando o ator e a atriz.

Diretor – E com isto tudo continuamos sem o dinheiro. Não podemos reembolsar os espectadores...

Diretora – Mas porque havemos de os reembolsar? Estamos a oferecer-lhes um espetáculo, não estamos?

Diretor – E provavelmente muito menos aborrecido do que a peça anunciada. Porque, francamente, as últimas horas de Molière...

Diretora – Se aguentarmos mais meia hora, ninguém poderá dizer que não recebeu aquilo por que pagou.

Diretor – Mais meia hora? Estamos a chegar ao limite. Esta história já está a perder o fôlego.

Diretora – Precisávamos era de uma reviravolta.

Diretor – Já nem temos atores! A polícia levou-os.

Diretora – Vamos ter de arranjar substitutos.

Diretor – Talvez haja alguém na plateia que queira fazer teatro... Desde que aceite não receber, claro.

Improvisando, o diretor e a encenadora perguntam a alguns espectadores se gostariam de atuar. Rejeitam vários por motivos diferentes e acabam por escolher a espectadora que já tinha intervindo e o falso espectador, entretanto regressado ao seu lugar na sala. Pode também escolher-se um espectador verdadeiro. Convidam-nos a subir ao palco.

Diretora – Já fez teatro?

Espectadora – Não...

Improvisação, se o outro espectador responder.

Diretora – Vamos pedir-lhes uma pequena improvisação, só para ver.

Diretor – Está bem.

Diretora – Imagine que chega a casa à noite e descobre que o seu marido se transformou num pombo.

Espectadora – Num pombo?

Diretora – Num pombo enorme.

Espectadora – Está bem.

Diretor *(ao espectador)* – O senhor faz de pombo.

Espectadora – Não se parece muito com um pombo.

Diretor – Isto é teatro. Tem de imaginar...

Espectadora – Ah, pois...

Diretor *(à espectadora)* – Saia para os bastidores e depois faça a sua entrada.

A espectadora sai e volta a entrar.

Espectadora – Olá, querido. Tiveste um bom dia?

É provável que o espectador responda afirmativamente.

Espectadora – E... o que vamos jantar?

Diretora – O que vamos jantar?

Espectadora – Sim...

Diretora – O seu marido transformou-se num pombo, e a única coisa que lhe ocorre perguntar é o que vão jantar?

Espectadora – Pois...

Diretora – Sei lá, devia mostrar-se surpreendida!

Espectadora – Mas já me contou que ele se transformou, portanto não estou surpreendida. E, francamente, ele não parece nada um pombo. Isso também não ajuda.

Diretora – Muito bem, recomeçamos. *(À espectadora)* A senhora sai... *(Ao espectador)* E o senhor esforce-se também! Tente parecer um pombo.

Diretor – Basta dizer: «Não sei o que se passa comigo. Olha, transformei-me num pombo.»

A espectadora sai e volta a entrar.

Espectadora – Olá, querido. Tiveste um bom dia?

O espectador dá alguns passos, tentando imitar um pombo.

Espectador – Tive, mas não sei o que se passa comigo. Olha, transformei-me num pombo.

Espectadora – Ah, sim, realmente... Que coisa! E então... o que vamos jantar?

Diretora – A senhora não é casada?

Espectadora – Não.

Diretor – Pois...

Diretora – Volte ao seu lugar. Depois chamamo-la.

O espectador e a espectadora regressam à plateia. O falso espectador pode aproveitar para sair discretamente.

Diretor – A caixa vazia, os atores detidos pela polícia...

Diretora – E espectadores que são péssimos atores...

Diretor – Este espetáculo está mesmo condenado.

Diretora – E no entanto o tema era bom: as últimas horas de Molière.

Diretor – Começo a achar que o título nos deu azar. «A Representação Está Cancelada»...

O ator e a atriz regressam.

Diretora – Libertaram-vos?

Ator – Parece que encontraram outra pista. Estão a revistar o teatro de alto a baixo...

Atriz – A inspetora mete o nariz em toda a parte. Um autêntico cão-polícia...

Ator – Então? Representamos ou não?

Diretor – Enquanto não recuperarmos o dinheiro, não vos posso pagar... Mas fizeram-me uma proposta para comprar o teatro.

Ator – Encontrou alguém suficientemente louco para comprar um teatro neste momento?

Diretora – Um tal senhor Pombo.

Atriz – Que nome tão apropriado...

Diretora – Sim, mas este pombo parece-me uma ave de mau agouro.

Ator – Pombo, disse? Francisco Pombo?

Diretor – Sim.

Ator – Esse nome não me é estranho... *(Pega no telemóvel)* Vou fazer uma pesquisa rápida... Aqui está!

Diretor – E então?

Ator – Francisco Pombo. Representa aqui no país uma seita que está a espalhar-se por todo o mundo e tem sede nas Bahamas.

Atriz – Uma seita sediada num paraíso fiscal. Pelo menos têm sentido de humor, além de espírito de negócio.

Diretor – E que seita é essa?

Ator – A Igreja da Fezientologia. Os seguidores chamam-se «pombos» e o guru diz que consegue prever o futuro examinando os próprios excrementos dos fiéis.

Diretora – Eu não dizia que era uma ave de mau agouro?

Diretor – Mas porque é que esse Tartufo haveria de querer comprar o nosso teatro?

Ator – Compra por tuta e meia todos os teatros em dificuldades e transforma-os em templos da sua seita. Já têm mais de um milhão de adeptos neste país.

Diretor – A continuar assim, nesta cidade deixará de haver teatros.

Diretora – Mas teremos uma Igreja da Fezientologia em cada esquina.

Diretor – No tempo de Molière, a Igreja já tinha declarado guerra ao teatro. Pensávamos que tínhamos ganho, mas parece que o império contra-ataca...

Atriz – Não vai vender-lhe o teatro!

Diretor – Tem outra solução?

Atriz – Representamos na mesma!

Diretor – Já vos disse que ainda não tenho dinheiro para vos pagar.

Atriz – Não faz mal! Representamos de graça! Estamos dispostos a tudo para salvar este teatro e combater o avanço do obscurantismo fezientológico!

Diretora – Então vamos a isso.

Ator – Vou vestir o figurino.

Atriz – Eu também.

O ator e a atriz saem para mudar de roupa.

Diretor – Que comece o espetáculo!

O inspetor e a inspetora regressam.

Diretora – Não podem ficar aqui. Isto é um palco de teatro, não uma cena de crime. A peça está prestes a começar.

Inspetor – Começar? Não tenho tanta certeza... Recebemos uma denúncia. Parece que o vosso teatro não cumpre todas as normas de segurança.

Diretora – Uma denúncia?

Diretor – Alguém quer prejudicar-nos, é evidente.

Inspetora – Seja como for, temos de verificar. Onde estão as saídas de emergência?

Diretora – Bem... Uma é aqui... E outra ali...

O inspetor verifica rapidamente as saídas de emergência.

Inspetor – E tem formação em primeiros socorros?

Diretor – Claro! Tenho aqui o certificado. Trago-o sempre comigo, para o que der e vier.

O diretor entrega-lhe um papel, ao qual o inspetor mal presta atenção.

Inspetora – Está vacinado contra a raiva?

Diretor – Acho que sim... De qualquer forma, ainda não mordi ninguém. Até hoje...

Inspetor – Muito bem... *(Apontando para o público)* E aqueles senhores? Sabem todos nadar?

Diretora – Era preciso perguntar-lhes, mas é raro uma banheira transbordar num teatro...

Inspetor – Era uma brincadeira. Um inspetor de polícia também pode ter sentido de humor. Bem, vi o extintor à entrada. Parece estar tudo em ordem.

Diretor – Primeiro um roubo, agora uma denúncia falsa... Alguém está a tentar destruir-nos!

Inspetor – Suspeitam de alguém?

Diretora – Já ouviu falar da Igreja da Escatologia, inspetor Colombino?

Diretor – Acho que se chama Igreja da Fezientologia, inspetor Columbo.

Inspetor – Vão ter de me explicar isso.

Diretora – Entretanto... vamos ao teatro.

Diretor – Finalmente!

Saem. Ouvem-se as três pancadas tradicionais de abertura. Entra Molière, tossindo para um lenço manchado de sangue, e senta-se no cadeirão. Entra também Béjart.

Atriz – Como se sente, Jean-Baptiste?

Ator – Como o meu Doente Imaginário, minha querida Armande. Bastante doente.

Atriz – Mas está a deitar sangue pela boca, meu amigo... A sua doença não tem nada de imaginário.

Ator – Infelizmente, não é a primeira vez. Há de passar.

Atriz – A menos que seja o senhor a passar desta para melhor. Talvez fosse mais prudente cancelar a representação...

Ator – Toda a companhia conta comigo. Se cancelarmos, todos perdem o dinheiro de que tanto precisam. E teríamos de reembolsar o público...

Atriz – Já deu tanto ao teatro, senhor Molière. Ninguém lhe pede que sacrifique a vida por ele...

Ator – Só no teatro me sinto realmente vivo. E reconheça que morrer em palco, enquanto represento O Doente Imaginário... Que belo gesto! Acha que teriam coragem de me recusar um funeral cristão?

Atriz – Porque faz tanta questão de ter um funeral cristão, quando passou a vida a troçar da Igreja?

Ator – Da Igreja, sim. Mas não da verdadeira fé, que é a fé no ser humano. Cada representação das minhas peças é uma missa onde celebro o amor pela vida.

Atriz – No fundo, é um moralista, meu amigo. Como todos os grandes autores de comédias.

Ator – E, como todos eles, dentro de poucos anos estarei esquecido. Só se hão de lembrar dos grandes autores de tragédias.

Atriz – Se for preciso, ajoelho-me aos pés do rei. Há de ter o seu lugar no cemitério.

Ator – Recusaram-me a entrada na Academia Francesa por ser ator. Ao menos que não me impeçam de entrar pela porta principal do cemitério.

Atriz – A posteridade fará justiça ao seu génio, tenho a certeza. Daqui a um ou dois séculos, tal como se fala da língua de Shakespeare para designar o inglês, falar-se-á da língua de Molière para designar o francês.

Ator – Já me caluniam em vida. Que dirão depois de eu morrer? Que foi outra pessoa que escreveu as minhas peças? Que casei com a minha própria filha...?

Atriz – Mas será o dramaturgo mais célebre de todos os tempos.

Ator – Que Deus a ouça. Então poderei morrer em paz.

A atriz faz-lhe um gesto carinhoso.

Atriz – Prometa-me que nunca há de morrer.

Ator – Não antes de terminar a representação. Juro-lhe.

Atriz – Então hoje vai representar O Doente Imaginário...

Ator – Habitualmente, é um homem saudável que finge estar doente. Hoje será um verdadeiro moribundo que finge estar saudável para poder fingir que está doente.

Atriz – Não será essa a própria essência do teatro? Criar uma ilusão para fazer surgir a verdade.

Ator – Já me sinto melhor.

Atriz – Ainda assim, mandei chamar uma médica para o examinar. Deixo-o com ela...

A atriz sai e entra a espectadora, fazendo de médica.

Espectadora – Então, senhor Molière? Acabou por pedir ajuda à medicina de que tanto troça nas suas peças?

Ator – Não troço da medicina, mas dos médicos que a põem a ridículo. Seja como for, obrigado por ter vindo... Armande chamou vários dos seus colegas, mas recusaram-se a vir quando souberam quem era o doente.

Espectadora – Confesso que também hesitei bastante. E o que o faz sofrer, hoje, senhor Molière?

Ator – Quase não me atrevo a dizer-lho, doutora...

Espectadora – Diga, diga...

Ator – O pulmão.

Espectadora – Não será outra das suas brincadeiras de mau gosto?

Ator – Infelizmente não, garanto-lhe.

Espectadora – De facto, não tem muito bom aspeto... Incline-se para a frente e respire fundo. *(Encosta o ouvido às costas do doente)* Receio que tenha razão. Esses pulmões fazem um barulho infernal. E é o Inferno que o espera se não renunciar a tempo à sua profissão satânica.

Ator – Deixe-me ao menos acabar esta representação. Depois renuncio ao que quiser, prometo.

Espectadora – Se não repousar imediatamente, esta será a sua última aparição em palco, acredite.

Ator – Não posso desiludir o meu público. The show must go on, como dizia o meu colega Shakespeare.

Espectadora – Mal se aguenta de pé.

Ator – Não terá sido a doutora que me envenenou, por acaso? Para me impedir de voltar a desmascarar esses doutores Diafoirus, os charlatães das minhas comédias...

Molière começa a tossir e parece sentir-se mal.

Espectadora – Está tudo bem, meu caro?

Ator – Não... Não estou nada bem... Não sei o que me deu de repente...

Espectador – Mas... isto faz parte da peça ou estão a improvisar?

Ator – Não... Agora é o ator que está a falar. Preciso de ajuda, doutora...

Volta a tossir.

Espectadora – O problema é que eu não sou médica a sério... Só no teatro...

Entra a atriz.

Atriz – Ouvi-o tossir, senhor...

Espectadora – O estado dele piorou de repente.

Atriz – Mas... é Molière que está a sufocar ou o ator que o interpreta?

Espectadora – Confesso que já não sei bem quem é quem.

Entram o diretor e a diretora, preocupados.

Diretor – Que se passa?

Atriz – Façam alguma coisa! Não veem que ele está a sufocar?

Diretor – Eu só tenho um certificado de primeiros socorros. Era melhor chamar uma ambulância.

Atriz – Trato disso...

A espectadora e a atriz levam o ator para os bastidores.

Diretor – Minhas senhoras e meus senhores, pedimos imensa desculpa. Voltámos ao ponto de partida... A representação está cancelada...

Diretora – Por causa deste doente que já nem sabemos se é imaginário ou não.

O espectador regressa.

Espectador – Pronto, trouxe a promessa de compra e venda. Só têm de assinar...

Diretora – Sabemos quem o senhor é, senhor Francisco Pinto. Foi desmascarado.

Espectador – Pombo. Francisco Pombo.

Diretora – Quer transformar o nosso teatro numa igreja da sua seita.

Espectador – «Seita»... Logo esses palavrões! Minha amiga, todas as religiões são seitas que tiveram êxito...

Diretora – Mesmo assim, essa Igreja da Fezientologia... Ler o futuro nos excrementos dos pombos!

Espectador – É um método inteiramente fezientífico, asseguro-lhe.

Diretora – Não vais vender a alma a esse diabo!

Diretor – Infelizmente, não tenho alternativa. Ou isto ou a ruína...

Diretora – Pensa em Molière! Preferiu morrer em palco a cancelar uma representação.

Diretor – Que queres? Comecei a carreira como proxeneta. Tornei-me diretor de teatro... Mas tenho de enfrentar a verdade: nunca serei Molière.

O diretor assina.

Espectador – Obrigado... Deus vos recompensará! Entretanto, aqui está o cheque.

O espectador sai.

Diretora – Então, desta vez acabou mesmo. Foi o nosso último espetáculo...

O inspetor regressa.

Diretor – Inspetor? Ainda não encontraram o dinheiro?

Inspetor – Ainda não. Mas estamos a levar o caso muito a sério. Parece que nos últimos meses vários teatros têm sido alvo de tentativas de intimidação.

Diretor – Tentativas de intimidação?

Diretora – E se tiver sido o guru da Igreja da Fezientologia a envenenar Jean-Baptiste, para sabotar o espetáculo, levar-nos à falência e obrigar-nos a vender?

O telemóvel do inspetor toca. Ele atende.

Inspetor – Inspetor Colombino, estou? Sim... Sim... Muito bem, obrigado. *(Guarda o telemóvel)* A Martínez acaba de encontrar o dinheiro!

Diretora – Mas... como?

Inspetor – Acreditem que aquela mulher tem mais faro do que um pastor-alemão...

Diretor – E eu que pensava que o dinheiro não tinha cheiro...

Inspetor – Mas isso nem é a parte mais surpreendente!

Diretor – A sério? E onde é que o ladrão escondeu a caixa?

Entra a inspetora.

Inspetora – Numa gaveta com fundo falso da sua secretária, senhor Diretor.

Diretor – O quê?

Inspetora – Está detido por denúncia caluniosa e tentativa de burla.

Diretor – Garanto-lhe, inspetor, que não faço ideia de quem escondeu ali o dinheiro. Nem sabia que a gaveta tinha fundo falso!

Inspetora – Quem mais, além do senhor, poderia tê-lo feito?

Um momento de silêncio.

Diretora – Está bem, confesso... Fui eu...

Diretor – Foste tu que roubaste a caixa da bilheteira? Mas porquê?

Diretora – Este espetáculo estava condenado ao desastre. Nada estava pronto, sabes bem. Foi a única maneira que encontrei de o fazer cancelar à última hora. E depois improvisarmos...

Diretor – Eu diria antes perdermos completamente o controlo...

Inspetor – Portanto, se percebi bem, vendem bilhetes a estas pessoas honestas para um espetáculo que não existe e roubam a receita para não terem de representar nem devolver o dinheiro ao público.

Inspetora – Admitam que é um plano bastante rebuscado.

Diretor – Mas não enganámos ninguém. Afinal, a peça chamava-se «A Representação Está Cancelada».

Inspetor – Os grandes burlões costumam exibir as suas mentiras à vista de todos, para que pareçam verdadeiras.

Diretora – Afinal, o teatro é uma fraude. Os espectadores sabem perfeitamente que tudo o que acontece em palco é uma ilusão e, no entanto, nunca pedem o dinheiro de volta no fim.

Regressam o espectador e a atriz.

Diretor – Se nós somos burlões, aqui está outro, inspetor! Foi este Tartufo que envenenou Molière!

Inspetor – Que tem a dizer em sua defesa, meu senhor?

Espectador – Digo apenas que, se ninguém aqui é realmente aquilo que parece ser, então o senhor também não é o verdadeiro proprietário da sala que acaba de me vender...

Diretor – Nem o senhor é o verdadeiro comprador.

Diretora – A boa notícia é que este teatro afinal não foi realmente vendido e pode continuar a existir.

Inspetora – Então também nós somos atores, Colombino?

Inspetor – Exatamente, Martínez. Até me pergunto se não terá sido a senhora a escrever esta farsa. Vi o seu nome no cartaz.

Inspetora – Chamo-me Ramírez.

Diretor – Ao menos estamos todos de acordo numa coisa. Se aqui tudo é falso, então isto foi uma verdadeira peça de teatro! A representação realizou-se e ninguém será reembolsado.

Atriz – Bem está o que bem acaba. E chegou o momento do monólogo.

Entra o ator vestido de fantasma de Molière, coberto com um lençol e trazendo um balde na mão.

Ator – Chamo-me Jean-Baptiste Poquelin, mas conhecem-me melhor por Molière... Dediquei a vida ao teatro, numa época em que era muito mais perigoso do que hoje ridicularizar os contemporâneos, sobretudo os poderosos. E ainda mais quando vestiam uma batina. Embora não tenha morrido em palco, como se costuma dizer, servi o teatro até ao último suspiro. Foi depois da derradeira representação de O Doente Imaginário, no teatro do Palais-Royal, em Paris, que entreguei a alma ao Criador. Como nenhum padre aceitou dar-me os últimos sacramentos, não pude renunciar no leito de morte à

profissão de ator, como a Igreja exigia para me aceitar de novo entre os seus fiéis. Mas o rei Luís XIV teve pena de mim. Intercedeu em meu favor e pude escapar à vala comum. São Pedro também não foi muito severo, porque me deixou entrar no Paraíso. *(Pausa)* Aliás, venho precisamente do Paraíso. E, acreditem, no Paraíso uma pessoa morre de tédio! Porque acham que Adão e Eva aproveitaram a primeira oportunidade para fugir do Paraíso terrestre? A certeza da felicidade eterna é mortalmente aborrecida, garanto-vos. É claro que a vida também nem sempre tem graça. Talvez seja por isso que os seres humanos, depois de inventarem Deus, inventaram o teatro. «O teatro é a vida sem os momentos aborrecidos», diria mais tarde Alfred Hitchcock, que, por acaso, era um homem do cinema. Por isso, sempre que posso, escapo por umas horas do Paraíso e volto a assombrar os palcos. Continuem a lutar para que a representação não seja cancelada. Para que os teatros não se transformem em novas igrejas. *(Pausa)* Mas agora que o espetáculo acabou, tenho de regressar ao lugar de onde vim. E vocês têm de regressar à realidade que deixaram à porta quando entraram nesta sala. O sonho terminou. E, para acordar, como prometido, nada melhor do que um belo balde de água pela cabeça abaixo...

Atira o conteúdo do balde sobre o público, fazendo sair dele uma chuva de estrelas.

FIM

O autor

Nascido em 1955 em Auvers-sur-Oise (França), Jean-Pierre Martinez começou como baterista em diversas bandas de rock, antes de se tornar semiologista publicitário. Foi depois argumentista de televisão e regressou ao palco como dramaturgo.

Escreveu cerca de uma centena de guiões para televisão e cerca de 120 comédias para teatro, algumas das quais já se tornaram clássicas (*Sexta-feira 13* ou *Strip Poker*). É hoje um dos autores contemporâneos mais representados em França e nos países francófonos. Além disso, várias das suas peças, traduzidas para espanhol e inglês, estão regularmente em cartaz nos Estados Unidos e na América Latina.

No entanto, os direitos de representação, que constituem uma remuneração justa pelo trabalho do autor, são uma obrigação legal. Quer se trate de uma companhia amadora ou profissional, é necessário solicitar autorização para representar a peça e pagar os respetivos direitos de autor relativos à produção.

Jean-Pierre Martinez é representado pela Sociedade Francesa de Autores (SACD).

Para entrar em contacto com Jean-Pierre Martinez e solicitar autorização para representar uma das suas obras, utilize o formulário de contacto disponível nos seus sites :

https://jeanpierremartinez.net/
https://comediatheque.net/

Depois de ter iniciado o seu percurso como baterista, Jean-Pierre Martinez regressou recentemente à música, criando canções originais inspiradas nos seus poemas e nas suas peças de teatro.

Com Jean-Pierre Martinez Music, prolonga esse universo sob a forma de canções originais: narrativas breves, humorísticas ou melancólicas, nas quais a canção se torna, por vezes, uma pequena cena teatral.

https://jeanpierremartinezmusic.com/

Peças de teatro do mesmo autor, traduzidas em português

Monólogos

Como um peixe no ar
Happy Dogs

Comédias para 2

A Corda
A janela da frente
Arrependimento
Cara ou coroa
Cuidado frágil
Ela e Ele
Encontro na plataforma EuroStar
Há um piloto a bordo ?
Nem sequer morto
No fim da linha
O Joker
O Roupão
Os Náufragos do Costa Mucho
Preliminares
Réveillon na morgue
Roleta russa no Kremlin
Um Sonho de Casa
Uma Vocação Frustrada

Comédias para 3

Cartas na mesa
Coisas do Acaso
Crash Zone
Cuidado frágil
Horizontes
Ménage à trois
Plágio
Por debaixo da mesa
Sexta-Feira 13
Um breve instante de eternidade
Um pequeno assassinato sem consequências
Um pequeno passo para uma mulher, um salto no vazio para a Humanidade…

Comédias para 4

Apenas um instante antes do fim do mundo
As Pirâmides
Cama e Café
Crise e castigo
De volta aos palcos
Déjà vu
Denominação de Origem não Controlada
Depois de nós, o dilúvio!
Despedida de Casados
Gay friendly
Há algum crítico na sala?
Há um autor na sala?
Happy Hour
O amor é cego
O aquário
O cheiro do dinheiro
O contrato
O cuco
O genro perfeito
Os nossos piores amigos
Os Sogros Ideais
Os Turistas
Quarentena
Quatro estrelas
Réquiem por um Stradivarius
Ressaca
Retrato de família
Sexta-feira 13
Strip Poker
Um caixão para dois
Um casamento em cada dois
Um esqueleto no armário
Um Sonho de Casa
Uma noite infernal

Comédias para 5 ou 6

Bem está o que mal começa
Crise e Castigo
Engarrafamento no Caminho do Cemitério
Era uma vez na web
Flagrante delírio
Happy Hour
O Rei dos idiotas
O Sorteio do Presidente
Os Náufragos do Réveillon
Os Rebeldes
Prognóstico reservado
Réveillon na esquadra
Sem flores nem coroas
Um Boulevard Sem Saída

Comedias para 7 ou mais

A Aldeia Mais Bonita de França
A pior aldeia de Portugal
A representação não está cancelada
Batas brancas e humor negro
Bem-vindos a bordo!
Como um filme de Natal...
Corações Abertos
Crise e Castigo
De legumes e livros
Dedicatória Especial
Erro da funerária a teu favor
Fora de jogo
Jogo de Escape
Milagre no convento de Santa Maria-Joana
Nem sempre a música amansa...
Nicotina
O Jackpot
O reverso do cenário
O Sorteio do Presidente
Os Flamingos azuis
Pré-histórias Grotescas
Reality Show
Réveillon na esquadra
Um Sonho de Casa
Uma aldeia tão bonita
Uma herança pesada
Xeque-Mate

Sketches

A ratos
Albano e Eva
Apocalipse
Aviso de passagem
Breves de confinamento
Breves de palco
Breves do jardim
Breves do tempo perdido
Calma!
Cenas de rua
Corações Abertos
De Animais e Homens
De todas as cores
De verdade e de brincadeira
Demasiado é demasiado!
Dramédias
Ela e Ele
Em branco
Entre Bastidores
Histórias insólitas
Matadores de piadas
Memórias de uma mala
Morrer de Rir
Nicotina
O Balcão
Sem Sentido Proibido

Todas as peças de Jean-Pierre Martinez
podem ser descarregadas gratuitamente nos seus sites
https://comediatheque.net
https://jeanpierremartinez.net/

Este texto é protegido pelas leis relativas ao direito de propriedade intelectual.
Todas as contrafações são puníveis,
com multa até 300.000 euros e 3 anos de prisão.

Avinhão – Setembro de 2023
© La Comédiathèque
ISBN 978-2-37705-998-0

Documento para download gratuito